

Recursos novos devem estimular retomada das emissões de papéis

por Ana Lúcia Magalhães
do Rio

A última semana foi altamente positiva para as duas principais bolsas de valores do País, Rio e São Paulo, que negociaram, só na sexta-feira, US\$ 91 milhões pelo câmbio oficial. Na semana, elas experimentaram valorização de 14,2% e de 15,4%, respectivamente. E os profissionais de mercado acham que a alta é consistente.

Corretores e analistas são unâimes ao afirmar que o gás que está impulsionando as bolsas de valores vem da possibilidade — cada vez mais próxima de se concretizar — da entrada de novos recursos, notadamente os provenientes dos fundos de conversão e dos fundos de investimento de capital estrangeiro.

De uma maneira geral, o mercado acionário gostou das regras do leilão de conversão, principalmente porque o Banco Central (BC) desistiu da ideia de fixação de um percentual mínimo de deságio.

Ermayer Onida de Araújo, diretor da corretora DC, acha que as bolsas de valores estão vivendo um novo e importante processo, que tem embasamento técnico. Ele destaca o fato de os grandes compradores de

ações não estarem vendendo. "Existem grandes carteiras sendo formadas, que não estão indo ao mercado para venda e realização de lucros agora", frisa o diretor da DC.

EMISSÕES FAVORECIDAS

Segundo Araújo, os grandes investidores estão comprando e encarteirando os títulos. "Se mais adiante entrarem os esperados recursos novos, não haverá papel disponível", prevê.

Por isso, Araújo acha que as empresas terão uma oportunidade excepcional para aumentar seu capital através da emissão de ações.

Mauro Sérgio de Oliveira, presidente da Associação Brasileira dos Analistas de Mercado de Capitais (Abamec), seção Rio, e diretor da corretora Arbi, concorda com Araújo, mas alerta que as empresas precisam ir preparando as emissões, para efetivá-las mais à frente, com condições de preço boas, se o mercado continuar, efetivamente, em alta.

"Não pode é repetir 1986, quando várias empresas demoraram a agir e suas emissões só chegaram ao mercado com as bolsas de valores em baixa", adverte Oliveira. O presidente da Abamec-Rio teme a inter-

ferência governamental no atual processo porque passa o mercado acionário.

"É importante o governo deixar o mercado trabalhar levemente. A intervenção governamental vem sempre na hora errada e na forma equivocada. Basta lembrar dos fatos verificados em 1986, quando as bolsas subiram vertiginosamente logo após o Plano Cruzado e algumas autoridades começaram a falar que era preciso esfriar o mercado. O resultado foi o que se viu", ressalta Oliveira.

PAPEL ESCASSO

Segundo Paulo Carlos Giannotti, gerente de bolsa da corretora a Caravello, em alguns momentos sente-se uma grande escassez de papel no mercado acionário. Embora não creia que já esteja faltando ações, o gerente da Caravello acha que fatalmente isso ocorrerá com a entrada de novos recursos.

Hoje, de acordo com Giannotti, das "blue-chips", o papel mais difícil de se comprar é Banco do Brasil PP. "A compra de um lote grande (de 50 mil a 100 mil títulos) é demorada e, se concretizada, já mexe com o preço da ação", observa Giannotti.

Ele explica que os negócios com Vale PP, Petro-

bras PP e Paranapanema PP não são muito difíceis porque estas ações têm o respaldo da grande negociação com opções, que dá possibilidade de compra de um lote grande de opções, podendo exercê-lo no final do vencimento.

Na opinião de Giannotti, a maior dificuldade atualmente no mercado carioca é comprar o papel Docas ON. "Quem tem, não vende", conta o gerente da Caravello, que cita, como exemplo, um fato ocorrido na última sexta-feira, na Bolsa de Valores do Rio, quando esse título estava cotado a CZ\$ 1,45, teve comprador a CZ\$ 2,00, só que não tinha vendedor.

Oliveira espera que em sessenta dias os "underwritings" comece a suprir o mercado e aí ele se estabilizará. Oliveira vai mais longe e calcula que em junho ocorra uma grande oferta de "underwritings".

Giannotti acha que a atua política de bonificação em ações que várias empresas abertas vêm adotando é uma antecipação do aumento da demanda por ações. Nos últimos dias, várias companhias anunciaram a bonificação em ações, entre elas a Unipar, de 400%; Muller, 300%; e Mannesmann, 350%.